

CICLOS DE NEGÓCIOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA PÓS-PLANO REAL

Jaqueline Aparecida Carraro

jaquelinecarraro@hotmail.com

Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas - UNICENTRO

Jucélio Kretzer

jkretzer@hotmail.com

Professor do Curso de Ciências Econômicas – UNICENTRO

Resumo:

Este estudo tem objetivo analisar os efeitos das flutuações cíclicas da renda nacional brasileira, no período pós-Plano Real, sobre os ramos industriais econômicos. Sendo assim, verifica-se que o investimento determina os níveis de atividades econômicas de um país, permitindo demonstrar as flutuações cíclicas dos níveis de negócios, que são os períodos de recessão e expansão econômica. Para evidenciar a evolução dos indicadores econômicos do Brasil, foram utilizadas informações estatísticas disponíveis na plataforma do IBGE, sobre o consumo, renda e investimento. Através deste estudo, constatou-se que o investimento exerce papel fundamental quanto ao processo de desenvolvimento de um país, podendo criar condições para fortalecer o setor industrial.

Palavras-chave: Ciclos econômicos, investimentos, consumo.

Área de submissão do artigo: Crescimento, Flutuações e Planejamento Econômico.

1. Introdução

As companhias cíclicas geralmente atuam em setores no qual o ambiente macroeconômico exerce forte influência sobre a atividade operacional. Temos como exemplos de indústrias cíclicas a Vale, Petrobras, Fíbria, os setores automobilísticos e imobiliários no geral. Estes setores dependem muito das condições macroeconômicas.

Para tentar se entender o comportamento das indústrias cíclicas é necessário observar as mudanças decorrentes de crises, como variações significativas sobre o consumo, renda e investimento. O nível de atividade econômica de um país é determinado pelo investimento, pois, de forma dinâmica, permite demonstrar as flutuações cíclicas nos níveis de negócios.

A economia brasileira, mesmo em décadas anteriores ao período estudado (1996-2016), já apresentava uma conjuntura de crise, que é caracterizada inicialmente, pelas baixas taxas de crescimento econômico e desemprego, além da superprodução, onde a oferta se apresenta maior que a procura efetiva. A crise no sistema capitalista tem sido reconhecida, particularmente, por todas as correntes econômicas, como um fenômeno periódico (cíclico).

As indústrias cíclicas (ou ramos cíclicos) da economia são assim chamadas com referência à sua vulnerabilidade a variações das condições macroeconômicas e, em particular, ao ciclo de negócios – períodos de recessão e expansão econômica. As indústrias que produzem bens duráveis, que flutuam acentuadamente em relação às variações de renda no curto prazo, são frequentemente denominadas de indústrias cíclicas (PINDYCK; RUBILFELD, 2013).

Por outro lado, as indústrias não cíclicas incluem alimentos, bebidas, roupas básicas, materiais de limpeza, higiene pessoal, dentre outros. Alguns serviços públicos também são

assim considerados, tais como eletricidade, gás de cozinha, abastecimento de água e saneamento básico. A demanda desses bens de consumo não duráveis tende a permanecer estáveis, independentemente de como a economia global está se comportando em determinado momento (PINDYCK; RUBILFELD, 2013).

Dessa forma, verifica-se que as indústrias cíclicas representam uma parte importante do cenário corporativo e abrangem algumas indústrias mais estáveis e duradouras, bens duráveis ofertados durante um longo período de tempo, encontradas nas economias de muitas nações.

Por fim, o estudo tem como objetivo analisar os efeitos das flutuações cíclicas da renda nacional brasileira, no período pós-Plano Real, sobre os setores industriais. O argumento básico está em considerar que a variação nos gastos em bens de consumo duráveis tende a ser mais acentuada do que a da RN, devido a alterações nas condições macroeconômicas.

2. Fundamentação Teórica

Os Ciclos econômicos, ou de negócios, são marcados por épocas de expansão e contração da atividade econômica. Buscar entender as razões pelas quais a economia sofre oscilações e maneiras de munir a ocorrências desses ciclos é um desafio macroeconômico (LIMA, 2011).

Os ciclos econômicos não possuem uma duração constante, mas apresentam como característica fundamental a repetição de movimentos econômicos. Portanto, os ciclos possuem oscilações intermináveis, próprias de uma economia capitalistas, que só poderão ser extintas caso haja uma modificação extrema no capitalismo (CARVALHO, 1988).

Praticamente todas as correntes econômicas, tratam como uma das principais características dos ciclos, o fenômeno da crise, por ser um fato periódico. Muitas são as discussões levantadas sobre esse assunto. Segundo os autores, para Marx, as crises no sistema capitalista são chamadas de: crise de superprodução, que se refere também à palavra cíclica. A crise, enquanto fase cíclica, surge devido à incapacidade de se vender os produtos fabricados, percebida, na acumulação de estoques, no cancelamento de encomendas, no aumento da capacidade ociosa, na redução dos negócios, na falência das empresas, na queda do consumo e no desemprego (OLIVEIRA; NEVES; GUIMARÃES, 2014).

Lima (2011) expôs a ideia de Schumpeter, onde os ciclos econômicos se dividiam em quatro fases, sendo elas: prosperidade, recessão, depressão e renovação. O acompanhamento de cada processo cíclico é importante para marcar e supervisionar sua duração e características, mas isso não deve ser feito apenas em períodos onde a economia se encontra estabilizada ou em declínio, mas sim em todo o seu decurso. Para o autor, a datação deve se iniciar durante o período de prosperidade da economia e, logo em seguida, com a fase de renovação, fazendo a caracterização dos dois estágios, pois o processo de desenvolvimento de cada ciclo é distinto.

Michal Kalecki (1937) via o investimento como uma das principais variáveis no estudo dos ciclos econômicos, pois é o investimento que determina o nível da renda nacional, datados por um determinado ano, mostrando suas mudanças com o passar do tempo. O autor passou a considerar variáveis, como lucros, investimentos e demandas realizadas, e a renda recebida, relacionando-as com a ocorrência dos ciclos. Quando o investimento for maior que a capacidade produtiva, acontece uma expansão econômica; na situação inversa, a tendência é de retração na economia.

Para Possas e Baltar (1981), de acordo com Kalecki, o gasto dos empresários determina o volume dos lucros e da renda e o crescimento da economia. Considerando a distribuição da renda e a participação dos salários e dos lucros de cada setor, a renda será determinada pelos gastos dos capitalistas em investimento e consumo.

3. Materiais e métodos

O presente estudo teve como base o método de pesquisa exploratória. Esta análise sobre o comportamento cíclico da indústria brasileira utiliza dados de consumo, renda e investimento, disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na base de dados agregados SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática) e IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). As informações estatísticas sobre a economia brasileira, no período pós-Real, permitem se verificar a evolução nos indicadores econômicos relacionados às variáveis renda nacional, bens de consumo e bens de capital, de modo a demonstrar as oscilações e os impactos das variáveis econômicas selecionadas.

4. Análise e Discussão

As indústrias cíclicas, que produzem bens duráveis, tendem a flutuar acentuadamente em relação às variações de renda no curto prazo. As vendas de tais indústrias tendem a refletir de maneira mais acentuada as mudanças cíclicas do Produto Nacional Bruto (PNB) e da Renda Nacional (RN). As fábricas de equipamentos pesados são outro tipo de indústria cíclica que, além de se inter-relacionar com as demais indústrias cíclicas, podem experimentar uma desaceleração devido às condições de mercado que restringem as atividades econômicas. Dito isso, pode-se observar, no Gráfico 1, a evolução dos setores indústrias cíclicos, da renda nacional, bem como da taxa de variação da capacidade instalada da indústria brasileira.

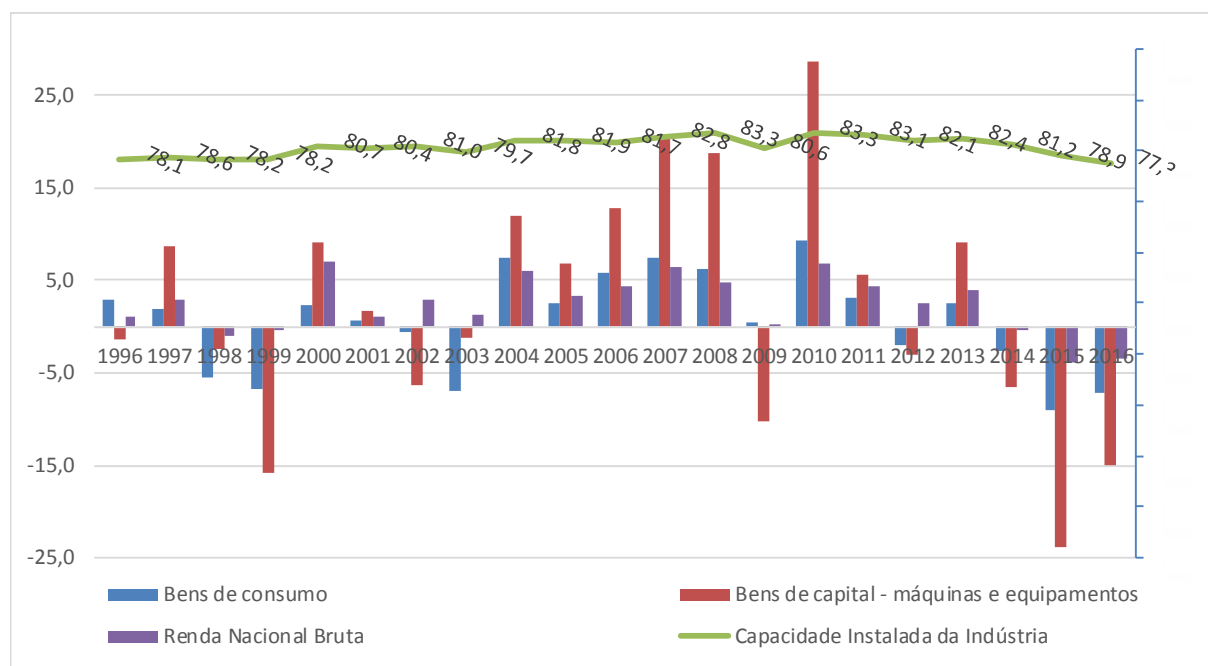


Gráfico 1: Renda Nacional Bruta e bens de consumo, bens de capital e capacidade instalada da indústria – Brasil

Fonte: IBGE (2017) para RNB e bens de capital. IPEA (2017) para bens de consumo e capacidade instalada da indústria.

Assim, podemos verificar que a taxa de crescimento do consumo de bens de capital apresenta sensível variação em relação à Renda Nacional Bruta. De 1996 a 2013, consta-se uma forte oscilação na compra de bens de capital, bem como de bens de consumo, acompanhando os aumentos e quedas, sucessivos, ano após ano. No período de 2004 a 2013, registrou-se no Brasil uma onda forte de expansão dos gastos em bens de capital, crescendo cumulativamente 100,7% (ou 10,1% a.a., em média), enquanto a renda cresceu

42,5% (4,2% a.a.) no mesmo período. Nota-se que em 2009 a renda e o consumo se estagnaram, mas os investimentos em máquinas e equipamentos sofreram uma retração de 10,3%, devido os efeitos econômicos da crise *subprime* internacional. Já os setores de bens de consumo acompanharam *pari passo* a evolução da RNB, entre 2004 e 2013.

Após dez anos de expansão econômica, o Brasil passou a sentir os efeitos de uma forte crise que vem afetando a renda de todos agentes econômicos: de 2014 a 2016, os consumidores reduziram seus gastos em 19,1% e, com a perspectiva de queda na renda futura, os empresários cortaram os investimento em máquinas e equipamentos em 45,3%. Por sua vez, enquanto os investimentos estavam aquecidos, o nível de utilização da capacidade instalada da indústria permaneceu em 82,3%, em média; com a queda nos investimentos, a partir de 2014, a utilização da capacidade instalada caiu para 77,3%, em 2016. (Gráfico 1)

O Gráfico 2 também apresenta a taxa de crescimento real da RN e as taxas anuais de crescimento dos gastos dos consumidores com bens duráveis e com bens não duráveis. Nota-se que ambas as séries acompanham a RN, mas que apenas a série dos bens duráveis tende a ter variações mais acentuadas do que a da RN. Observando as variações dos bens de consumo não duráveis, nota-se que tendem a acompanhar as oscilações da RN, no entanto, isso não acontece com o consumo dos bens não duráveis. Em momentos de crise, as variações no consumo de bens duráveis são muito maiores que a queda na RN. Já em momento de crescimento econômico, diante uma elevação da RN, geralmente a taxa de variação dos bens de consumo duráveis são muito mais elevadas.

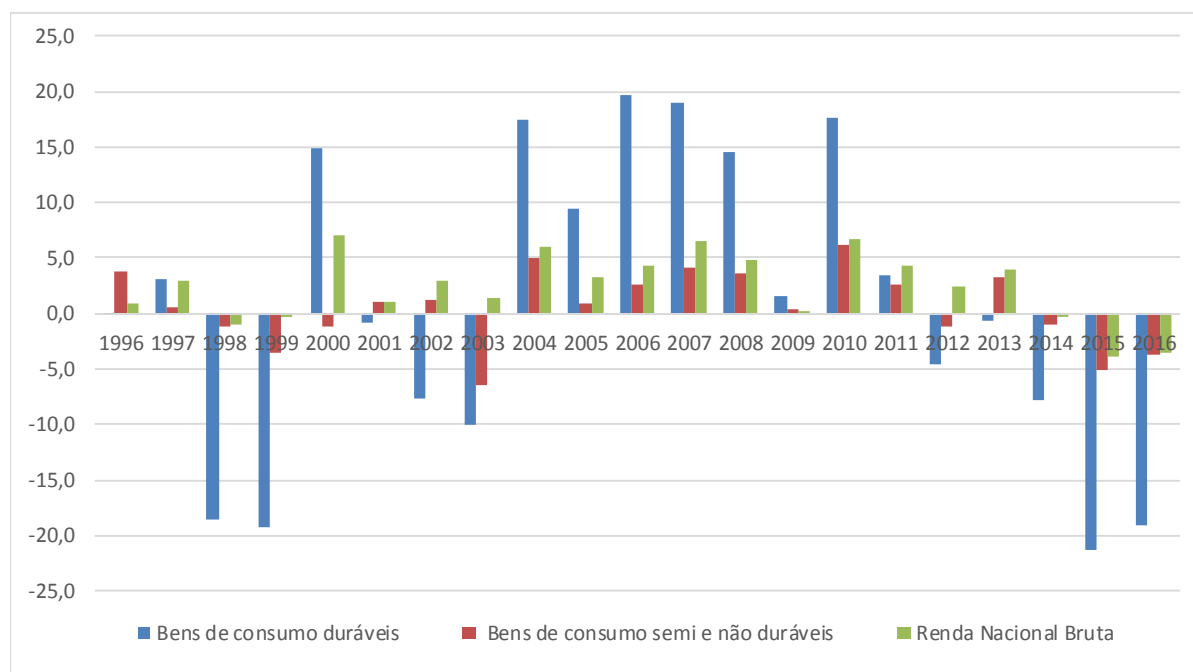


Gráfico 2: Renda nacional bruta e bens de consumo duráveis e não duráveis – Brasil
Fonte: IBGE (2017) para RNB. IPEA (2017) para bens de consumo.

Por esses motivos que as indústrias de bens de consumo duráveis são consideradas 'cíclicas', uma vez que suas vendas são significativamente afetadas por variações nas condições macroeconômicas. No caso dos investimentos em bens de capital, ele vai determinar o nível da renda nacional e suas variações de ciclos e crescimento em um determinado ano (KALECKI, 1954). Comparando as taxas anuais de crescimento da RN e dos investimentos em equipamentos duráveis, na medida em que a elasticidade da demanda da RN no curto prazo é maior que a elasticidade para equipamentos duráveis no



longo prazo, as mudanças no investimento em equipamentos são intensificadas pelas variações na RN. Logo, as indústrias de bens de capital são consideradas 'cíclicas' (PINDYCK e RUBINFELD, 2013).

5. Conclusões

As indústrias cíclicas (ou setores cíclicos) da economia são assim chamadas com referência à sua vulnerabilidade a variações das condições macroeconômicas e, em particular, ao ciclo de negócios – períodos de recessão e expansão econômica. Examinando os setores cíclicos da economia brasileira pós-Plano Real, constata-se que o investimento é de suma importância para o desenvolvimento do país. O investimento proporciona o dinamismo da economia, criando condições capazes de fortalecer o setor industrial. Notou-se, ainda, que quando os gastos em investimentos não foram suficientes, surgiram as crises econômicas.

Referências

CARVALHO, F. J. **Keynes, a instabilidade do capitalismo e a teoria dos ciclos econômicos**. Rio de Janeiro, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Classificação nacional de atividades econômicas** - Versão 2. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae2.0/cnae2.0.pdf>>. Acesso em: 01 julho 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Classificação Ipeadata**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 01 julho 2017.

LIMA, I. C. **Ciclos econômicos: teoria e evidência**. 39º Encontro Nacional de Economia. Foz do Iguaçu, 2011.

OLIVEIRA, M. N. *et al.* **Crise e evolução cíclica da economia brasileira entre 1990 e 2007: à luz da teoria Marxiana**. Observatório de Economia Latino-americana, Número 194, 2014.

PINDYCK, R; RUBINFELD, D. **Microeconomia**. 8. ed. São Paulo: Pearson Educativo do Brasil. 2013.

POSSAS, M. L.; BALTAR, P. E. A. **Demanda efetiva e dinâmica em Kalecki**. Rio de Janeiro, 107-160, 1981.